



Famílias Contemporâneas e a perda da legitimidade: Um estudo psicanalítico

Renata Alves de Carvalho Oliveira¹

Resumo: Essa pesquisa tem como principal objetivo estudar a relação existente entre a estrutura familiar na contemporaneidade com a possível perda da legitimidade dos pais. A investigação sustenta-se teoricamente nos pilares da Teoria Psicanalítica, visto que Freud (1989) em sua teoria explica a importância da figura de um referencial para que o sujeito possa tornar-se desejante e ativo em sua própria vida e também utiliza autores que falam sobre a família na contemporaneidade e as mudanças das estruturas familiares de piramidal para estrutura em rede. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Conclui-se que esse tema é muito abrangente e envolve aspectos culturais, históricos e sociais, visto que a partir do século XX houve muitas desconstruções de referenciais até então existentes e isso influenciou consideravelmente na maneira de viver das pessoas e inclusive na forma de criar os filhos. Conclui-se também que a globalização, o consumismo e a lógica de mercado também têm influenciado no que Lebrun (2008) classifica como “a crise de legitimidade”. Não há mais uma preocupação social no sujeito contemporâneo, e sim uma preocupação individualista onde o gozo é o principal objetivo de vida.

Palavras-chave: Família. Psicanálise. Contemporaneidade. Perda da legitimidade.

Contemporary Families and loss of the parents' legitimacy: A Psychoanalytic Study

Abstract: The main goal of this research is to study the relationship between the family structure in the contemporaneity alongside with the possible loss of the parents' legitimacy. This academic investigation is based on the Psychoanalytic Theory, given the fact that Freud (1989) in his theory explains the importance of the existence of a referential image in order for a fellow to become desirable and active in his own life. This work exerts authors who write about family in the contemporaneity and the changes of the pyramidal familiar structure to a network structure. Qualitative bibliographical research was used as the chosen methodology. The conclusion is that this is a broad theme that involves cultural, historical and social aspects. Besides that since the twentieth century there has been a disruption of existing reference images which has influenced the way people live and even how to raise children. It also has come to the conclusion that globalization, consumerism and market logic have also influenced what Lebrun (2008) classifies as "the crisis of legitimacy".

Keywords: Family. Psychoanalysis. Contemporaneity. loss of the parents' legitimacy.

Introdução

O presente artigo analisa a família na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito à criação atual dos filhos.

¹ Psicóloga pela Universidade de Fortaleza. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: psicarvalho.r@gmail.com

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica que baseia-se na teoria Psicanalítica.

O interesse por esse tema surgiu pelo contato constante com crianças durante a trajetória profissional e a possibilidade de perceber que as figuras de referência como pais, professores, dentre outros são tratados, por vezes, com desrespeito em relação ao que considerávamos mais comum em décadas passadas.

Essa pesquisa se torna importante, pois é cada vez mais comum encontrar pais e professores que parecem perdidos em seu fazer de ser referência, impor limites e contribuir na formação da subjetividade da criança. Nas escolas, na clínica e em diversos outros locais pais e professores reclamam que não sabem mais o que fazer para colocar limites nos filhos. Faz-se necessário estudar e compreender esse tema de forma mais profunda e contextualizada à luz da Psicanálise, entendendo que esse movimento não é algo dado e sim algo sintomático da sociedade contemporânea.

Tem como principais objetivos; compreender os fatores que têm levado à perda ou diminuição da autoridade e legitimidade dos pais e também estudar, à luz da Psicanálise, no que a perda da legitimidade dos pais implica em relação à constituição do sujeito. O referido estudo não tem como intenção ensinar aos pais como impor limites aos filhos nem tampouco apoiar práticas punitivas, pelo contrário, tem por intenção principal refletir e estudar sobre as famílias na contemporaneidade, entendendo que em cada época e em cada cultura formas de criação e relacionamentos serão diferenciados e influenciados por fatores culturais, sociais, políticos e econômicos.

Na contemporaneidade as mudanças são tão rápidas que torna-se difícil acompanhá-las. Nos últimos trinta anos, por exemplo, aconteceram mudanças significativas no modelo de família tradicional. A partir da leitura de Roudinesco (2003) é possível perceber que a constituição de família, anteriormente piramidal, agora se dá em rede horizontal, onde todos os papéis têm a mesma importância. Porém, como essa mudança está acontecendo rapidamente, e é relativamente nova, não se sabe ainda ao certo quais serão as consequências que esse novo modelo de família poderá gerar nos filhos superprotegidos que serão os futuros adultos da sociedade.

Satisfazer permanentemente o desejo dos filhos, tornará essas crianças inabilitadas a lidar com as frustrações, naturais à existência humana. Portanto, é necessário estudar as consequências que esse novo modelo, onde tudo deve ser discutido e negociado, e onde

colocar limites é visto como podar a criatividade das crianças podem trazer no desenvolvimento desses sujeitos da contemporaneidade.

É cada vez mais comum se encontrar crianças mandando em seus pais, no shopping, no restaurante. Facilmente é possível se deparar com pais que parecem não saber ao certo como agir diante do filho. A sociedade contemporânea prega com bastante convicção que dizer não a um filho é traumatizá-lo. Entretanto, dizer sempre sim poderá gerar consequências, que ainda não se sabe exatamente quais são. Por isso é de grande relevância estudar como essa nova dinâmica familiar pode afetar o sujeito.

Este assunto está bastante em pauta e anda preocupando psicanalistas ao redor do mundo. Duas fontes populares de informação comprovam isso, Calligaris (2012), famoso psicanalista italiano, em entrevista concedida à Folha de São Paulo colocou que atualmente os filhos têm sido colocados facilmente como centro da vida dos pais, afirma também que elogios condicionais não produzem autoconfiança, mas sim uma dependência.

Coloca também que a partir do século XVIII as crianças adquiriram um valor novo e especial. São as únicas continuadoras de nossas vidas, foram encarregadas de compensar nossos fracassos por seu sucesso e sua felicidade. Já na revista “Veja”, bastante popular entre os brasileiros, encontra-se outro psicanalista preocupado com o tema, Lebrun (2009) pontua que atualmente filhos se tornaram o indicador do sucesso dos pais e também que a dificuldade dos pais em controlar os filhos se dá pela falta de legitimidade desse novo modelo familiar em rede.

É interessante que esse assunto seja estudado como Freud (1996) estudou a Histeria em sua época, visto que era algo recorrente em sua clínica por conta de toda repressão sexual que sofriam. Atualmente é bastante comum encontrar pessoas que não suportam frustrações e que querem de todas as formas obter prazer em tudo que fazem. É preciso entender os fatores que estão impossibilitando que essas pessoas se tornem resilientes e resistentes às frustrações inerentes à vida humana. Portanto, o tema é de fundamental relevância para que seja possível saber lidar na clínica psicanalítica com crianças que parecem não ter limites e nem figuras de referência, e também com adultos inseguros, sem referenciais e com uma baixíssima resistência às frustrações.

Essa pesquisa é de caráter qualitativo e bibliográfico, diversos autores que estudam Psicanálise foram estudados para compor seu referencial teórico.

Metodologia

Por tratar-se de uma pesquisa teórica, o método utilizado para o seu desenvolvimento contou com algumas pesquisas bibliográficas e, de um levantamento histórico acerca das mudanças na estrutura familiar e nas formas de criação das crianças. É importante ressaltar que a pesquisa utilizou como base, a teoria psicanalítica, portanto toda a problemática foi feita à partir de estudos embasados na psicanálise. A pesquisa também é de caráter qualitativo.

A pesquisa teórica tem como objetivo ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e enfeixar hipóteses. A partir da leitura de Marconi e Lakatos (2011) verifica-se que a pesquisa bibliográfica se trata de um levantamento de bibliografias existentes acerca do tema escolhido para ser pesquisado. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo proporcionar que o pesquisador entre em contato com tudo o que foi escrito sobre seu tema de pesquisa. Tal pesquisa recupera o conhecimento científico acumulado sobre determinado problema.

A partir da leitura de Cervo e Bervian (1983) encontra-se que a pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos de diversos tipos. Busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre determinado assunto, tema ou problema. Esse tipo de pesquisa visa recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou confirmação de hipóteses.

Gil (1999) afirma que apesar de todos os outros tipos de estudos exigirem trabalhos dessa natureza, existem pesquisas exclusivamente desenvolvidas por meio de fontes bibliográficas. Esse tipo de pesquisa possibilita a elaboração de trabalhos de monografia seja com objetivo de levantamento histórico, como também a atribuição de uma nova leitura a assuntos já publicados.

A partir da leitura de Silveira e Cordova (2009) é possível verificar que a pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. A pesquisa qualitativa busca explicar o porquê das coisas. Tal pesquisa é aquela que está focada nos aspectos da realidade que não podem ser traduzidos em números, ou seja, quantificados, ela irá centrar-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa qualitativa tem como características: objetivação do fenômeno;

hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, a precisão das relações entre global e local em determinado fenômeno; observar as diferenças entre o mundo social e natural; respeitar o caráter interativo entre objetivos do investigador, orientações teóricas e dados empíricos; buscar resultados fidedignos; opõe-se ao pressuposto que defende que pode haver um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Durante o texto primeiramente é importante compreender as mudanças que aconteceram em relação à infância. Para desenvolver um pensamento crítico é fundamental compreender que tudo da realidade é constituído historicamente, ou seja, a infância da forma que existe atualmente foi algo historicamente construído, que anteriormente não existia e que futuramente também poderá passar por mudanças. Posteriormente é importante falar sobre os autores que estudaram o desenvolvimento da criança e pontuaram a importância em impor limites ao filho e assim prepará-lo para as frustrações da vida. Em seguida autores que falam sobre a família e o seu papel social foram estudados, com o objetivo de compreender o papel da família nos séculos anteriores ao que se vive e o seu papel na contemporaneidade. (penso que isso faz parte da introdução e metodologia).

Também é de fundamental importância compreender o papel que a criança ocupa na sociedade atual e também o caráter narcísico que envolve a criação de um filho. Foram estudadas as mudanças que ocorreram no século XX, onde a apologia à liberdade veio substituir a repressão da sociedade anterior. É necessário compreender os motivos que levam à falta de referenciais ou a fluidez dessas referências na sociedade atual.

A Família do Passado e do Presente

A partir da leitura de Ariés (1978) é possível perceber que a infância nem sempre existiu, este autor defende que a infância é uma invenção da modernidade, uma categoria social construída recentemente. A infância e esse sentimento em relação às crianças se iniciaram a partir do século XIX, antes disso as crianças eram vistas como adultos em miniatura, só recebiam cuidados especiais em seus primeiros anos de vida, depois dos três anos as crianças já passavam a participar das mesmas atividades que os adultos, inclusive atividades como orgias, trabalhos forçados, enforcamentos públicos e eram alvos de atrocidades, ou seja, não havia diferenciação entre adultos e crianças.

Em seu livro *História Social da Criança e da Família*, Àries (1978) faz considerações importantes para a compreensão da evolução da infância. A duração da infância era muito breve e reduzida ao período onde a criança não conseguia dar conta de si mesma. Quando a criança adquiria capacidade física, logo se misturava com os adultos. Não havia um período de juventude, deixava de ser criança e já passava a ser adulta. A socialização da criança não era assegurada pela família, nem tampouco controlada, a criança se afastava logo de seus pais e sua aprendizagem era garantida por conta da convivência com adultos que lhe ensinavam o que deveria fazer. Era comum, inclusive, que depois dos primeiros anos a criança passasse a viver em outra casa. O autor defende que famílias extensas de várias gerações não eram comuns nesse período. A família não tinha portanto, uma função afetiva.

Àries (1978) afirma que a partir do final do século XVII mudanças consideráveis aconteceram, visto que a escola veio substituir a aprendizagem como o meio de educação, a criança parou de ser misturada aos adultos. Surgiu um momento de enclausuramento das crianças nas escolas. Aconteceu um processo de moralização imposto pelos reformadores católicos e protestantes. A partir dos séculos XIX e XX a família, a partir de sua cumplicidade sentimental, tornou-se um lugar de afeto, um indicativo disso é a importância que se passou a dar a educação. A família deixou de ser um lugar onde a única preocupação era em função dos bens e emergiu um sentimento novo de preocupação e interesse dos pais em relação à educação dos filhos. A partir daí a família começou a organizar-se em torno da criança, trazendo um sentimento de que seria impossível perdê-la ou substituí-la sem uma grande dor, visto que passou a ser singular e dessa forma foi preciso até limitar o número de filhos para melhor cuidar de cada criança.

Após entender um pouco sobre a história da infância é importante estudar teóricos da psicanálise que falam sobre o desenvolvimento do sujeito e a importância das interdições para sua constituição subjetiva. A partir da leitura dos *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* de Freud (1989) é possível verificar que inicialmente o bebê compreende o seio da mãe como uma extensão de seu corpo e que só depois poderá perceber-se separado da mãe. A mãe nesse período inicial da vida do bebê estará completamente focada em suprir todas as necessidades do seu filho, a mãe é assim o primeiro objeto de amor do bebê. A figura paterna é vista como ameaça para a criança já que mostra que a mãe não tem apenas ela (criança) como objeto de amor. Aí se constitui a

tríade edipiana, onde a criança enamora-se pela mãe. Porém com todas as investigações sexuais que a criança fará durante essa fase, perceberá que a mãe não possui pênis, mas o pai sim, e por medo da castração por parte do pai, afasta-se da mãe e volta-se para cultura, dentre outras coisas, é o que Freud (1989) chama de período de latência. A figura paterna portanto, seria uma barreira, uma lei que impede o incesto.

A partir da leitura de Quinet (1997) percebe-se que para que o homem possa atribuir significação a sua existência é preciso que ele faça sua entrada no simbólico, que se dá por intermédio do Édipo, que seria exatamente o Nome-do-Pai barrando o Outro Onipotente e absoluto (mãe), inaugurando a entrada desta criança no campo do simbólico. É importante ressaltar que para haver a castração, que irá deslocar a identificação da criança com o falo da mãe, é necessário que a mãe demonstre para criança que esta não é seu único objeto de desejo e que há a figura de um terceiro que traz consigo uma lei, a qual mãe e criança devem estar submetidas.

Quinodoz (2004) ressalta que na teoria freudiana essa interdição do incesto pela figura paterna estará completamente relacionada com o conceito de superego, presente na segunda Tópica Freudiana. O autor também afirma que o superego trata-se de uma manifestação do inconsciente, um sentimento de culpa e autocrítica de consciência moral que pode ser observada em muitos neuróticos. São as primeiras identificações da criança que irão ser para o sujeito, um ideal de ego (superego). Para o autor o superego não é somente formador de identificações com os pais, mas sim também é o resultado das identificações com as proibições parentais que interditam o incesto. Para o autor “quanto mais forte tiver sido o complexo de Édipo (...) mais severa será posteriormente a dominação do superego como consciência moral, ou mesmo como sentimento de culpa inconsciente”. (FREUD, 1923, p.247, 279)

Quinodoz (2004) pontua que a existência de um ideal do ego irá impor exigências ao sujeito, o sentimento religioso, a consciência moral e sentimentos sociais. A consciência moral advém de ordens e proibições vindas de figuras de autoridades.

Para Freud (1923) em “O Ego e o Id” é importante ressaltar que o ideal de ego não é formado só por identificações com as proibições parentais. Mas também por identificações com essas proibições. O Ego é uma instância na qual a severidade vai variar de indivíduo para indivíduo. De acordo com o autor, quanto mais forte tiver sido o complexo de Édipo mais severidade haverá na dominação do superego sobre o ego, como

consciência moral ou como sentimento de culpa inconsciente. Freud (1923) afirma que a consciência moral é resultado da interiorização das ordens e das proibições vindas de professores e de autoridades.

A partir da leitura de outro autor psicanalista Winnicott (1975) é possível perceber que há um estado de preocupação materna primária, quando o bebê está totalmente no foco das atenções da mãe, porém depois que esse momento passa surge uma fase de ‘desilusionamento’, papel que deve ser exercido pelos pais e professores. É nesse momento que as primeiras interdições e os primeiros não irão surgir. Para este autor a figura paterna irá surgir como sendo mais dura e rigorosa, sendo de fundamental importância para que a criança aprenda sobre limites. Portanto a mãe suficientemente boa é aquela, que ama, cuida, protege, mas também aquela que posteriormente frustra, diz não e têm outros interesses além do bebê. De acordo com Winnicott (2000) é necessário que haja um cuidado negativo, ou uma negligência ativa porque a criança precisa aprender a lidar com frustrações, que são inerentes a vida humana. Isso seria o que Freud (1996) chama de princípio da realidade. Anna Freud (1987) salienta que o princípio da realidade é fundamental para que o sujeito saiba adiar ações, aguardar e saiba lidar com frustrações.

A partir da leitura de Roudinesco (2003) é possível perceber que a família passou por três grandes períodos: primeiramente a família tradicional, onde ocorriam casamentos arranjados visando sempre questões referentes ao patrimônio, pois era muito valorizada a autoridade do pai. A família moderna, que valorizava o amor, os sentimentos e o desejo pelo casamento, nesse período a autoridade é exercida pelo pai e pelo Estado. E, por último, a família contemporânea, caracterizada pela relação sexual, pela vida privada e pela maior intimidade familiar. É possível perceber como a família foi mudando seus objetivos e tornando-se cada vez mais privada, onde qualquer intervenção pública é mal vista e indesejada.

Roudinesco (2003) afirma que a família tradicional tinha como principal função assegurar a transmissão patrimonial, repousando assim sobre uma ordem e autoridade patriarcal, era uma transposição monárquica de direito divino. Já em outro momento, entre o fim do século XVIII e século XX a família passou a ser dita moderna, fundamentada no amor romântico, sancionando a reciprocidade de sentimentos e desejos sexuais através do casamento, seguindo assim uma lógica afetiva. E por fim, a partir dos anos 1960 a família contemporânea ou também pós-moderna irá unir dois indivíduos em busca de relações

íntimas, formando uma rede fraterna, sem hierarquia ou autoridade, onde cada um pode ser autônomo.

A partir da leitura de Ferry (2008) é possível compreender melhor as mudanças no modelo de família atual. O autor destaca que o laço familiar existente hoje no ocidente é mais forte, mais profundo e intenso do que era antigamente. Ele destaca também que, como nunca, os pais passam a amar seus filhos. Apesar dos dados apontarem para um elevado número de divórcios, o autor rebate que atualmente, a maioria das relações se baseia apenas na lógica do sentimento, enquanto antigamente os casamentos tinham outras lógicas, baseadas em convenções sociais. O casamento por amor é algo relativamente novo, que gera uma constituição de sociedade bastante diferente das sociedades antigas.

Portanto é de fundamental importância compreender que o modelo atual de família influencia consideravelmente na forma que os casais criam seus filhos. Visto que as expectativas que os pais da atualidade têm sobre seus filhos são diferentes das que os casais de antigamente tinham. Por isso é importante estudar esse novo modelo de família e quais as mudanças que podem surgir a partir desse novo contexto.

Lebrun (2008) ressalta que vive-se uma crise da civilização que surgiu há vinte anos, essa crise trata-se da dificuldade dos pais em dizer não aos filhos. Para ele trata-se de um fenômeno frequente o bastante para ser considerado como ligado ao funcionamento social. Para o autor o aumento dessa dificuldade é uma consequência de uma crise da legitimidade, inédita até então. Inédita, pois não há relatos na história de uma geração de pais que não se reconhece como figura legítima de poder. Os pais além de não sentirem-se como figura legítima de poder, sentem-se na obrigação de atender aos pedidos dos filhos, justificando esse comportamento pelo medo de perder o amor da criança. O autor ressalta que em nenhum momento defende que os filhos devem ser sujeitados sem cessar a punições, explica que antes o objetivo primeiro dos pais não era serem amados pelos filhos, tinham como foco primeiro a missão de educa-los. Já na contemporaneidade o objetivo número um, para muitos pais, é serem amados pelos filhos. O autor faz uma reflexão sobre de onde veio essa mudança tão radical que agora os pais precisam fazer cursos para aprenderem uma tarefa multimilenar.

Em Ferry (2008) é possível compreender como o século XX foi o século de desconstruções dos enquadramentos tradicionais de valores burgueses. Toda revolução surgida nesse século desarticulou os ideais existentes (metafísicos, éticos, religiosos e

políticos). Os valores postulados pelo Iluminismo e pela República foram demolidos. Para o autor essas desconstruções libertaram dois fenômenos: a desapropriação democrática e o advento da vida privada. A partir da globalização surgiu uma necessidade constante de competição e comparação permanente com o vizinho. E a globalização também trouxe a era da mercadização do mundo e do hiperconsumo, onde tudo deve existir dentro da lógica do consumo e do mercado, inclusive a família e os filhos. Esse liberalismo globalizado, estudado pelo autor, precisa liquidar as antigas figuras de sentido transcendente e as figuras de referência, com o objetivo que tudo se torne mais fluido, imanente, atendendo às exigências do consumo.

A partir da leitura de Lebrun (2008) verifica-se que essa crise de legitimidade não diz respeito apenas a um tipo de dificuldade referente a mudança de regimes, ele afirma que essa crise é bem mais profunda. Não é uma crise apenas na família, mas uma crise que se estende ao corpo social como um todo: políticos, coordenadores, diretores e todas as figuras que ocupam um lugar que antigamente deveria ser de referência. O autor critica que fica difícil para um professor, por exemplo, exercer seu papel se o fato dele julgar as competências adquiridas por um aluno pode desnarcisizar a criança ou até traumatizá-la. A sociedade não permite mais interferências em seu campo privado, pois isso pode limitar o seu gozo que na contemporaneidade é considerado intocável.

A partir disso o autor reflete que não há mais papel para solidariedade e para o coletivo. Ou seja, reconhecer que é necessário a existência de objetivos que estão vinculados à terceiros que irão transcender os interesses individuais de cada um é inadmissível na sociedade atual. O autor pontua que hoje tudo acontece como se os indivíduos tivessem se libertado não só da necessidade de lidar com algo que transcende, como também do interesse em manter esse lugar de transcendência. Assim a sociedade livra-se de qualquer figura de referência. Essa crise não diz respeito apenas a perda da legitimidade de quem ocupa o lugar de exceção e sim do próprio lugar. O autor faz uma reflexão que uma sociedade moderna seria aquela que sabe que é organizada por algo fictício, onde não há um criador há ser invocado. Porém existe uma enorme diferença em livrar-se de Deus e livrar-se do lugar que Ele ocupava (lugar de referência). É exatamente o que Ferry (2008) pontua, que o século XX foi o século que destronou todas as figuras de referência e de autoridade.

Lebrun (2008) pontua que a figura que passará a perda do todo-poder está completamente desacreditada, esse descrédito atinge educadores, pais e políticos. Portanto os pais, que perderam a legitimidade em que se apoiavam, não conseguem passar essa perda do todo-poder para a geração seguinte, então se vêem na obrigação de merecer o amor de seus filhos. Então, a família que antes era vista como lugar para preparar as crianças para assumirem um lugar na vida social e que possuía meios para garantir essa tarefa através da legitimidade da hierarquia dos lugares geracionais agora se presta simplesmente a um lugar de troca recíproca e simétrica. A família atual se vê como obrigada a ser apenas responsável por fornecer um clima de amor necessário para a maturação da criança e por consequência proteger a criança de todas as frustrações e traumatismos engendrados pela necessidade de viver em coletividade. Isso terá como consequência bem mais do que apenas uma mudança privada, mas fará uma fratura entre a solidariedade entre o funcionamento social e o da família, a família ao invés de preparar os filhos para viverem socialmente, agora os protege da sociedade.

Melman (2003) ressalta que a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo não será instalado por um objeto, mas sim pela perda desse objeto, essa perda tem como objetivo ter acesso a um mundo de representações sustentáveis. Essa perda irá instalar um limite. O autor pontua que na sociedade atual há um declínio dos lugares de respeito, do sagrado e da autoridade. Lebrun (2008) afirma que os indivíduos estão agora forçados a se sustentar em um vazio, sem um ponto de apoio transcendente. Antes acreditava-se que normas e regulações vinham de fora, apesar de terem sido inventadas pelas próprias pessoas, hoje não há mais um lugar a que se atribuía de onde vem às normas e regulações.

Com essa mudança, Lebrun (2008) afirma que os pais não podem mais recorrer à uma exigência terceira partilhada por toda sociedade, tornando-se assim completamente responsáveis pela imposição de limites aos filhos, porém por ser uma tarefa ingrata acabam desvencilhando-se dela. Para o autor essa “sociedade de renegações” não irá sustentar mais a construção do sujeito, a condição de permanecer criança é muito cômoda, ou seja essas crianças não irão tornar-se sujeitos por inteiro, mas sim indivíduos que se tornaram adultos sem serem obrigados a deixar a infância. Ferry (2008) aponta o porquê da lógica capitalista entrar tão bem nesse contexto (de falta de referências, limites e interdições): quando a sociedade ou as pessoas se livram dos referenciais morais e religiosos que até pouco tempo serviam para dar algum sentido à vida se passará à consumir de tudo, não só

objetos materiais, mas tudo entra na lógica do consumo: cultura, escola, política, religião. Inclusive a família acaba por existir dentro duma lógica de competição capitalista.

Lebrun (2008) reflete sobre a importância das interdições que vem do outro dizendo que a criança precisa de alguém que lhe diga não, que lhe mostre que nem tudo é possível, mas se essa pessoa, esse Outro que deveria estar responsável por essa função não tem suporte para aguentar o choque de sua violência, a criança assim não conseguirá evoluir, sublimar-se. Nesse caso a criança estará fadada a ser um sujeito entregue apenas a seu funcionamento e ao seu gozo mortífero. Porém a partir da leitura de Melman (2003) percebe-se que tudo isso transcende a lógica individual, o autor afirma que no cenário contemporâneo a economia psíquica parece ser regida não mais pelo recalque, como era anteriormente, mas sim pela gozo sem limites, ou seja há uma prevalência do princípio do prazer, o que de acordo com Anna Freud (1987), impossibilita que o sujeito seja mais resiliente, mais maduro, visto que para ela o princípio da realidade é fundamental para que o sujeito saiba adiar ações, aguardar e saiba lidar com frustrações.

Lebrun (2008) ressalta que uma das funções dos pais deveria saber lidar com o ódio do filho quando é interditado e quando é barrado em relação ao incesto, para o autor esse momento é fundamental para que o filho possa transformar seu ódio em algo produtivo. Porém quando os pais não conseguem suportar esse lugar de “odiados pelo filho”, os filhos não conseguirão compreender aquilo como algo seu, subjetivando e transformando em outras coisas. Ficarão presos ao ódio e quando forem pais também não conseguirão suportar ser o endereço de ódio do filho.

Bernardino e Kupfer (2008) pontuam que a função da família deve ser: garantir a geração e a sobrevivência dos jovens e a transmitir a cultura. Porém refletem que em tempos de questionamento da tradição; declínio da função paterna; mudança de papéis sociais de homens e mulheres dentre outras mudanças, será que a família ainda é capaz de transmitir cultura, presidindo as operações psíquicas básicas. Os autores em sua pesquisa chegam à conclusão que a transmissão da cultura pelos pais não estão garantidas através do meio social, os pais atualmente tem que fazer esse papel sozinho. Essa falta de consonância entre a família e o social gera uma defasagem que provoca angústia.

“No lugar da transmissão, por parte dos pais, dos necessários limites para o gozo, é o filho que acena para as inúmeras possibilidades de gozo que os objetos oferecidos ininterruptamente pelo campo social prometem” (BERNARDINO E KUPFER, 2008, p.

674). Para esses autores a criança seria atualmente o mestre do gozo da família. A criança não é mais apenas aquela que vai assegurar um resgate narcísico aos pais, estruturante na relação pais e filhos, mas será aquela onde o Outro social concederá o gozo a todos os constituintes da família. Os autores ressaltam que ao invés dos pais transmitirem os limites necessários para o gozo do filho, é o filho que vai apontar as inúmeras possibilidades de gozo oferecidos pelo campo social. Isso tudo tem um objetivo por trás, de satisfazer esse grande campo social, que impera sobre o sujeito com os seguintes mandamentos: seja feliz, consuma, goze e etc.

Bernadino e Kupfer (2008) colocam que essas mudanças já estão gerando consequências das mais variadas possíveis, visto que as diversas patologias que têm aparecido na contemporaneidade não são à toa: depressão, hiperatividade, transtornos de conduta, sexualidade precoce, toxicomanias, drogadicção, anorexia, obesidade podem ter por trás a falta de limites, a carência de cuidados maternos e da simbolização da falta. A partir da leitura Melman apud Bernadino e Kupfer (2008) é possível verificar que a toxicomania diz a verdade sobre a condição social atual: existe uma tendência da contemporaneidade em se tornar adicta em relação aos objetos. Também é possível encontrar que o sujeito moderno tornou-se atópico, pois este parece não conseguir mais encontrar seu lugar, sua voz, parece não ter consistência, sem anseios pessoais, projetos profundos. A sociedade contemporânea possui um traço importante de ser estudado o gozo exacerbado, o excesso de objetos de gozo e portanto a desvalorização da vida. A vida não é vista mais como sagrada, para que se a transmitisse, hoje o respeito à vida não constitui mais um valor, não funcionando mais como um limite para o gozo como outrora acontecia.

A partir de Roudinesco (2003) é importante ressaltar que a família dita contemporânea se estabelece a partir de 1960, unindo dois indivíduos que buscam uma relação íntima de afetiva. Martins et al (2010) pontuam que a partir desse modelo de família a autoridade vai passando por modificações, visto que os novos arranjos familiares diluem a formalização e hierarquização dos lugares antes fixados para pais e filhos. O declínio do patriarcado intensificado pela diminuição da autoridade moral do pai e de sua exclusividade do suprir em termos econômicos, também gerou suas modificações. Com as grandes guerras também foi possível observar a ascensão da emancipação feminina, o que também reconfigurou os lugares estabelecidos para os cônjuges. O lugar paterno hoje está dissolvido e isso gera novas formas

de parentalidade que por sua vez, geram diversos e múltiplos efeitos para o processo de subjetivação dos filhos.

Lebrun apud Martins et al (2010) afirma que essas novas modalidades de laços sociais são caracterizadas como uma crise da legitimidade, onde o sujeito se determinará por ele mesmo. Martins et al (2010) ressaltam que os pais da contemporaneidade tem que buscar fundamento em diversas argumentações para tentar sustentar a autoridade que não lhes é mais legítima. Assim os filhos passam a ocupar um lugar de destaque, negando a diferença geracional, sendo inclusive responsáveis por tomar diversas decisões familiares. A figura paterna vem perdendo pouco a pouco papel de autoridade, quando, por exemplo, privado de seus atributos passa por um deslizamento de seu papel direcionando-se a um ideal maternal, abdicando de seu papel e passando a ser um auxiliar devotado da função materna, por conta disso a criança não se depara mais com as diferenças do casal parental. Isso modifica completamente a questão da barreira do incesto e o poder da lei do pai, citados por Freud (1989), que seriam justamente responsáveis pela preparação desse sujeito para as diversas interdições que surgirão ao longo de sua existência. Seria nesse sentido que, de acordo com Martins et al (2012) surgiriam consequências e impasses na produção de simbolizações, fazendo emergir novas modalidades de sofrimento nas crianças.

A partir de tudo o que foi dito é importante refletir sobre qual o papel a Psicanálise pode ocupar nesse contexto. Martins et al (2010) defendem que diante disso a Psicanálise é convocada a não apenas investigar os efeitos resultantes desse novo modelo familiar, precisa também pensar em formas de possibilitar que a metáfora paterna possa funcionar de alguma forma, visto que os pais, por diversos fatores, sociais, culturais, históricos, não têm conseguido sustentar. Nas palavras de Martins et al (2010):

Se a função paterna, inicialmente, potencializa a função materna, sendo uma facilitadora da relação diática, é igualmente necessário que esta função interrompa a relação fusional que se produz entre a mãe e o bebê, e assegure assim, um domínio simbólico para a experiência de onipotência que até então fazia equivaler imaginariamente o bebê ao falo. A intervenção do pai nesse momento é considerada, por Lebrun (2004), uma castração primária, entendida como aquela que é instaurada no momento em que a criança renuncia a ser-toda. (p.136)

O pai pré-edípico é aquele que media a relação fusional entre mãe e bebê e posteriormente aparece como impeditivo e barreira que faz com que os filhos desistam de manter figuras paternas como objetos de investimento libidinal. O papel da figura paterna é de

fundamental importância, visto que essas intervenções farão com que prevaleça uma ordem simbólica acima da ordem imaginária. Isso tudo fará com que a criança tenha perspectiva de no futuro possa deixar suas origens, podendo fundar uma nova posição.

Martins et al (2010) concluem que se todos os membros da família estão situados lado a lado, viram pares e se diferenciam apenas por suas posições sociais-profissionais, o que não vai representar uma garantia de um lugar simbólico. Lebrun (2008) apud Martins et al (2010) reflete e sugere que nesse contexto atual que se vive o analista deve intervir através de uma presença real, essa presença poderá possibilitar uma nova oportunidade para que Outrem possa se inscrever.

A partir de tudo que foi dito acerca da família contemporânea e da crise de legitimidade na qual se vive atualmente, torna-se importante estudar também sobre um termo chamado niilismo. Moraes (2013) explica que o niilismo se trata de um fenômeno complexo, onde há uma visível falta de convicções últimas, somada a uma vontade de impingir a ausência de convicções como algo normativo. Quando o niilismo torna-se vigente é impossível assumir uma posição de comando frente à existência como um todo. De acordo com o autor, trata-se de um sentimento de completa nulidade. No niilismo ainda é possível empreender muitas coisas, sustentar posições diferentes, porém tudo o que é feito escapa os fundamentos das escolhas e propósitos do sujeito. Nas palavras de Moraes (2013) encontra-se:

Não sabemos bem se as coisas às quais conferimos valor são realmente valiosas ou se não somos nós, a partir unicamente de nós mesmos, por alguma espécie de automatismo nosso, que as tomamos assim. Parece que já não suportamos estar sem alguma convicção instituída em nossas mãos para contrapor a outras. Parece que já não suportamos nos apresentar perante os outros sem algum tipo de uniforme. (MORAES, 2013, p.88).

Para Ribeiro (2008) a partir do século XX após a Segunda Guerra Mundial, muitas transformações classificadas como pós modernas no campo da cultura aconteceram, essas mudanças caracterizaram um niilismo completo, marcado pela descrença dos ideais modernos. Ocorreu uma constatação de não consecução de ideais propostos pela ciência, arte, política, religião e família. Porém esses ideais eram responsáveis por dar sentido a vida social, quando acontece um processo de descrença generalizada destes a vida parece perder o sentido. A autora cita que a neurose, constitutiva da sociedade ocidental, é uma fuga de uma realidade insatisfatória. Diante do conflito existente entre id e superego, surge a repressão, essa por sua vez possibilita a fuga da realidade insatisfatória, é o desvio de um conflito que

reflete o desejo perturbador inicial, mas esse conflito retoma através de outras formas, gerando a neurose. Isso justifica o fato de muitos pacientes recursarem-se de relembrar o trauma inicial, evitando o conflito e a sensação de desprazer, mantendo-se numa posição cômoda. Para a autora há uma analogia entre niilismo, sociedade contemporânea e psicanálise, visto que para muitos é preferível viver no prazer imediato da fuga, proporcionado pela ilusão moderna, do que aceitar que a realidade é insatisfatória e que a falta sempre estará presente, principalmente em tempos atuais.

A partir da leitura de Ribeiro (2008) verifica-se que existe uma forma última do niilismo, o niilismo completo. Para a autora esse tipo de niilismo possibilita a compreensão da contemporaneidade e sua atual descrença nos ideais modernos. A sociedade contemporânea encontra-se em um completo abandono das idealizações universais, e algumas crenças vêm com a intenção de disfarçar esse vazio, como por exemplo: o consumo. Para a autora não há, atualmente, uma idealização que legitime a vida social e isso aproxima a contemporaneidade desse niilismo completo. A autora ressalta que as formas de subjetivação contemporâneas mostram um forte caráter niilista narcísico. Para ela a extrema individualidade gera problemas emocionais como depressão e carência afetiva, e o retraimento para a vida privada faz com que haja uma supervalorização das expectativas amorosas, deixando de lado ideais políticos. O amor tornou-se a última razão da existência humana. Nas palavras da autora é possível encontrar que:

O amor romântico foi criado culturalmente e nada tem de “natural” como muitos crêem. Ele se expandiu como uma norma de conduta condizente com os ideais da modernidade, engendrando o equilíbrio necessário entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente, o cenário foi alterado com a descrença nesse compromisso e os indivíduos não buscam mais sua identidade e motivação afetiva nestes ideais, vagando em busca de um apego vazio à identidade amorosa. Todo este cenário contemporâneo de descrença, apatia, desilusão e descaso, principalmente quanto aos valores da modernidade aqui apontados nos mais diversos aspectos, nos remete à conceituação de pós-modernidade. (Ribeiro, 2008, p. 9).

A partir do contexto citado acima, é importante compreender também o papel que a ciência tem ocupado em relação às famílias e como esta tem influenciado na criação atual dos filhos. Prizskulnik (2002) ressalta que no final do século XX e início do século XXI, é possível afirmar que a criança tornou-se ainda mais o centro das atenções e de cuidados dos adultos. De acordo com esse mesmo autor a educação, saúde, bem estar e relações entre pais e

filhos são assuntos bastante presentes em periódicos científicos, artigos, revistas e reportagens. Isso demonstram que esses especialistas têm indicado como se deve tratar uma criança, como falar com ela, etc. Essas indicações são fruto de pesquisas científicas e interferem consideravelmente no relacionamento entre pais e filhos, levando os pais, inclusive, a desconfiar em sua capacidade e competência para educar seu filho.

Zanetti e Gomes (2009) afirmam que houve um processo de invasão por parte da ciência ao meio privado, visto que a sociedade moderna vive um momento de especialização de tarefas, o que possibilita que haja essa invasão desses saberes especializados. Através do que foi lido em Lebrun (2008) sobre o fato de toda missão de educação dos filhos estar na mão dos pais, esses que não se sentem mais em um lugar legítimo e assegurado de quem impõe autoridade e é capaz de educar os próprios filhos, recorrem a um saber especializado, na expectativa de encontrar respostas para uma tarefa multimilenar.

É possível destacar, a partir de Zanetti e Gomes (2009) que por conta da prevalência dos saberes especializados, foi-se deixando de lado a concepção de ser humano como totalidade. Esse discurso não tem tomado conta apenas do espaço familiar, mas também nos contextos pedagógicos, fazendo da tarefa de educar uma ciência especializada. Porém tudo isso tem consequências: desqualifica o saber natural dos pais, e acaba retirando ainda mais a autoridade inerente dos pais sobre os filhos. O lugar de autoridade é importante na visão dos autores citados, pois é através das funções e papéis parentais que a cultura pode ser transmitida, dando aos pais o poder de autoridade quando se responsabilizam por essa tarefa. Lebrun (2004) apud Zanetti e Gomes (2009) afirma que a ciência e seu discurso vieram para acabar de vez com o poder da autoridade paterna. Também é possível ressaltar que esse lugar central que a ciência passou a ocupar promove uma organização social sem referência, visto que novos balizamentos não foram validados.

Nesse contexto contemporâneo atual é possível verificar uma prevalência de aspectos narcísicos, visto que a partir do que foi lido em Ferry (2008) foi possível verificar que a partir da globalização surgiu uma necessidade constante de competição e comparação permanente com o vizinho. Por isso é importante refletir sobre as questões narcísicas que estão envolvidas no nascimento de um filho. É possível ressaltar que quando uma mulher engravida e planeja ter um filho ela retoma aquilo que foi vivido na infância, podendo investir a libido em si mesma. Encontramos nas leituras de Freud (1990), que este desvincula o narcisismo da psicopatologia sexual, mostrando-o como um conceito que está ligado ao entendimento da

constituição do eu e do objeto. Na “Introdução ao Narcisismo” Freud (1990) ressalta as diferenças entre libido narcísica e libido de objeto. Ele também explica o narcisismo com sendo uma atitude de tratar o próprio corpo como objeto sexual. A libido seria afastada do mundo externo (libido do objeto) e seria dirigida para o próprio ego.

A libido narcísica e a libido objetual são inversamente proporcionais, ou seja quando uma se fortalece a outra se enfraquece. É exatamente o que acontece em uma situação de enamoramento, onde a libido narcísica diminuirá em detrimento ao objeto que se ama. Verifica-se que quando uma mulher está grávida o objeto que ela investe não se difere dela mesma. Freud (1931) chega a conclusão de que uma mãe é uma mulher cujo amor pelo filho deriva de sua falta fálica. Tal caracterização esboça o desenho de uma função materna, ou seja, daquelas características invariantes que revelam o laço que une uma mãe ao seu bebê. Já para a criança, a mãe intervém como o primeiro objeto de investimento, o Outro primordial, a Coisa não simbolizada e a ser simbolizada

A partir da leitura de Aulagnier apud Ferrari (2006) vê-se que o processo de investimento libidinal materno não ocorre em detrimento do seu próprio narcisismo, mas haverá um sobreinvestimento narcisista daquilo que é sentido como uma produção endógena, que está sendo acrescentada ao próprio corpo. Portanto é possível refletir a partir disso que quando uma mulher está grávida volta o investimento libidinal para si.

Considerações Finais

A partir do diálogo teórico de diversos autores feito na apresentação dessa pesquisa é possível compreender que a perda da legitimidade dos pais faz-se presente sim na sociedade contemporânea. A partir de todos os estudos teóricos realizados foi possível concluir como esse assunto está em pauta atualmente e constitui-se preocupação de diversos psicanalistas e estudiosos de outras áreas. É possível concluir que o objetivo principal da pesquisa foi alcançado, visto que foi possível compreender os fatores que têm levado a perda da autoridade e legitimidade dos pais e também estudar à luz da Psicanálise o que a perda da legitimidade dos pais implica em relação a constituição do sujeito.

A partir do levantamento bibliográfico é possível afirmar que a falta de autoridade dos pais não diz respeito apenas ao contexto familiar. Isso é reflexo de uma transformação

cultural, de declínios de figuras de autoridade e de uma época onde o consumo e a ciência prevalecem sobre fatores políticos e sociais. Foi possível identificar que essa crise de legitimidade envolve aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos, ou seja é algo de uma complexidade imensa, pois é multifatorial e resultado das modificações desses diversos fatores.

Esse estudo não tem como pretensão gerar conclusões definitivas, pelo contrário, pretende gerar mais discussões sobre o assunto e ampliar os debates sobre a sociedade contemporânea. É necessário que esse olhar crítico seja difundido para que quando algo for analisado leve-se em consideração os diversos fatores que influenciam o fenômeno. É importante que ao lidar com uma geração “sem limites” e “sem referências” seja possível saber de onde vem esse fenômeno e porque ele existe, contribuindo assim para que um trabalho crítico e reflexivo possa ser realizado.

A partir do que foi estudado sobre a necessidade da mãe ter vivido a castração para poder então permitir que o seu filho viva sua própria experiência de castração, é possível supor que na sociedade atual os pais não tem conseguido possibilitar essa interdição de uma lei, visto que vivem em uma sociedade onde o gozo exacerbado é o grande objetivo da existência individual. Como é possível que em uma sociedade onde as frustrações não são encaradas de forma madura, os pais possam conseguir ensinar seus filhos a lidar com frustrações? Como é possível que em uma sociedade completamente narcísica uma mãe possa conseguir frustrar um filho que é depósito de grande investimento libidinal? Para que uma mãe permita que seu filho seja frustrado é necessário que ela, primeiramente, consiga encarar de forma madura as frustrações.

Foi possível concluir também que quando não há um ideal de ego (que vem das proibições vindas das figuras de autoridades) também fica difícil emergir sentimentos religiosos, consciência moral e sentimentos sociais. Ou seja, o sujeito contemporâneo, quando não passa por frustrações e situações onde a figura de autoridade seja imposta também não desenvolve uma consciência moral, isso é característica da sociedade atual, individualista e consumista, onde não há solidariedade com o social e a grande preocupação é em suprir as próprias necessidades individuais. Dessa maneira, a família irá proteger o filho de todas as frustrações, porém quando este precisar encarar a realidade insatisfatória não terá bases emocionais para lidar com isso e acabará por desenvolver patologias ou vícios que tentem suprir essa falta e essa insatisfação (drogas, consumo,

dentre outros). Portanto é necessário compreender como essa crise de legitimidade pode criar uma geração adoecida e imatura.

A partir do levantamento bibliográfico é possível perceber que o sujeito precisa da falta para humanizar-se e ter habilidades de enfrentamento a situações adversas. Portanto quando os próprios pais não possibilitam que os filhos saibam como lidar com essa falta, poderão se tornar inaptos a conviver com o fracasso, a perda e as dificuldades inerentes da vida. Todas essas mudanças de estrutura familiar e perda de legitimidade dos pais podem acarretar em diversas consequências no desenvolvimento dos filhos: insegurança, dificuldade de enfrentar o fracasso, falta de uma figura que inscreva o sujeito na lei. Portanto faz-se necessário que estudos nessa área continuem de forma que as consequências dessa falta de legitimidade dos pais possam ser entendidas e compreendidas de forma crítica.

Referências

ARIÈS, Philippe. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; KUPFER, Maria Cristina Machado. The child as the contemporary family's master of jouissance: unfoldings of the "clinics indicators of risk research for child development". **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 8, n. 3, set. 2008, p.661-680.

CERVO, A.L; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FERRARI, A.G.; PICCININI, C.A.; LOPES, R.S. 2006. **O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas**. *Psico*, **37**(3):271-278.

FERRY, Luc. **Famílias, Amo Vocês: política e vida privada da era da globalização**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica: determinantes do desenvolvimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade**: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1989.

_____. **Sobre o Narcisismo: uma Introdução.** Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

_____. **Estudos sobre histeria.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.

LEBRUN, J. **A perversão comum: viver juntos sem outro.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 5. Ed. rev. Ampl. São Paulo. Atlas, 2011

MARTINS, K. P. H. ET AL. Reflexões sobre a função paterna no trabalho psicanalítico com crianças. **Caderno de psicanálise - CPRJ.** Rio de Janeiro, n. 23, p. 133-143, ago. 2010.

MELMAN, C. **Novas formas clínicas no terceiro milênio.** Porto Alegre: CMC, 2003

MORAES, F. J. D. **Nihilismo e Educação: Questões em aberto.** Revista Teias, v.14, n. 32, p, 88-100, 2013.

PRISZKULNIK, L. A criança que a psicanálise descortina: algumas considerações. In. D. De Rose Júnior (Org). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar** (p.11-23). Porto Alegre, ArtMed, 2002.

QUINET, Antonio, 1951 **Teoria e clínica da Psicose.** Rio de Janeiro. Ed Forense Universitária, 1997.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

RIBEIRO, Andrea. Nihilismo e pós-modernidade. **Revista Litteris**, v.1, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

SILVEIRA, D.T. E CORDOVA, F.P. A pesquisa científica In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; Organizadores. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

_____. **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 2000.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. **Psico**, v. 40, n. 2, abr./jun, 2009, p. 194-201.

Sites

REVISTA VEJA. <http://veja.abril.com.br/091209/ensinem-filhos-falhar-p-021.shtml>

FOLHA – UOL. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1133985-epidemia-de-amor-pelas-criancas.shtml>.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

OLIVEIRA, Renata Alves de Carvalho. Famílias Contemporâneas e a perda da legitimidade: Um estudo psicanalítico. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45 SUPLEMENTO 1, p. 466-487. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 27/05/2019;

Aceito 27/05/2019